

# A cobertura jornalística do Islamismo

## – narrativas marginalizadas e moralizantes

Ingrid Gomes\*

### Resumo

Este artigo realiza uma abordagem da representação do Islamismo produzida pela cobertura jornalística atual. Como objeto de análise, o estudo aborda as representações discursivas (Análise de Discurso) e as interconexões com (e do) Islã na *Folha de S.Paulo* e no *Estado de S.Paulo*, tendo por *corpus* o material publicado pelos jornais, na Editoria Internacional, nos 15 dias anteriores e posteriores à data que marcou, historicamente, os 10 anos do ataque às Torres Gêmeas. O artigo também faz um breve inventário histórico-cultural da formação do Islã, da construção do Diferente na história e do Outro-Islã. Observou-se, nas generalizações e nas simplificações das representações do Islã da mídia analisada, um retrato aproximado das ações dos fundamentalistas islâmicos, instruindo o contexto complexo do Islã como o Outro, o Diferente da história atual, denegando a ele suas atribuições culturais de autenticidade e de alteridade.

**Palavras chave:** Islã. Representações. Análise de Discurso. *Folha de S.Paulo*. *Estado de S.Paulo*.

### The coverage of Islam – marginalized and moralizing narratives

#### Abstract

This article presents an approach of how the press portrays Islam in current media coverage. As the object of the analysis, this study addresses both the discursive representations (Discourse Analysis) and the interconnections with (and from) Islam in *Folha de S.Paulo* and in *O Estado de S.Paulo* printed newspapers, based on the material published by the aforementioned on the International Editorial Board during the 15 days before and after the date that commemorated the tenth anniversary of the September 11 attack. The article also covers a brief historical and cultural inventory of the Islam formation, the construction of the Different in history and the Other-Islam concept. The article also observes an

---

\* Professora doutora em Jornalismo do curso de Comunicação Social, na Universidade de Educação FAGED, campus Santa Mônica, na Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil. E-mail: [ingrid@faced.ufu.br](mailto:ingrid@faced.ufu.br)

approximate depiction of the actions from the Islamic fundamentalists according to the generalizations and simplifications of this particular media, which guides the complex context of Islam as the Other, the Different in current history and denies it from its cultural assignments of authenticity and otherness.

**Keywords:** Islam. Representations. Discourse Analysis. *Folha de S.Paulo. Estado de S.Paulo.*

## La cobertura del Islam – narrativas marginados y moralizante

### Resumen

En este artículo se presenta una aproximación a la representación del Islam producido por la cobertura de noticias de actualidad. A medida que el objeto de análisis, el estudio aborda las representaciones discursivas (Análisis del Discurso) y las interconexiones con (y) el Islam en el periódico *Folha de S.Paulo* y el *Estado de S.Paulo*, con el corpus del material publicado por los periódicos, el Comité Editorial Internacional, dentro de 15 días antes y después de la fecha que marcó la historia, 10 años del atentado a las Torres Gemelas. La tesis también hace un inventario de la formación histórica y cultural de Oriente y el Islam moderno, la construcción de la historia A diferencia del Islam y el Otro, y el rescate del periodismo internacional. Había, en generalizaciones y simplificaciones de las representaciones de los medios de comunicación del Islam analizado, una representación aproximada de las acciones de los fundamentalistas islámicos, instruyendo el complejo contexto del Islam como el otro, la historia de corriente distinta, negándole sus atributos culturales de la autenticidad y la alteridad.

**Palabras clave:** Islam. Representaciones. *Folha de S.Paulo. Estado de S.Paulo.*

### Introdução

**T**ema que se torna comum nos meios de Comunicação é o religioso. Um assunto de forte impacto na mídia mundial foi o emblema do ato terrorista de 2001, nos Estados Unidos, matando pessoas nos choques dos aviões, guiados por terroristas, no *World Trade Center* e em outros pontos específicos do país. Nesse sentido, assuntos internacionais têm repercussão e importância histórica, bem como geram complexas reflexões pelo seu poder intrínseco. Segundo autores da Sociologia e da Antropologia Social, em especial os que estudam a divisão do mundo em civilizações, concentração de poderes e impérios econômicos e culturais, o fator informação internacional, desenvolvido como produto pelos meios de Comunicação, tem gerado à cultura comunicacional global importância política e, mesmo, ideológica.

O pesquisador Liu Binyan, dissidente chinês nos Estados Unidos, ex-diretor da *Princeton China Initiative*, no texto *Enxerto de civilizações: Nenhuma cultura é uma ilha*, na *Foreign Affairs*, comenta que, no atual conflito entre as nações, as fontes predominantes de tensão são de ordem política, econômica e social, pontuando três questões de destaque dentro dessas ordens: “perturbações econômicas, xenofobia e populismo”. O autor explica que a Guerra Fria é passado, entretanto salienta o clima hostil em mais de 30 países e regiões. “A imigração dos territórios pobres para as nações ricas e o influxo de pessoas das zonas rurais para as cidades alcançou volume sem precedentes, constituindo o que o Fundo das Nações Unidas para a População chama de ‘a atual crise da humanidade’” (BINYAN, 1993, p.153).

Para exemplificar, nesse aspecto empírico, um assunto internacional explorado por meios impressos de grande influência no país pode, ao longo de seu retrato, ser abordado de maneira que reforce essa “crise da humanidade”, ou mesmo, salientar outros pontos complicados na lógica internacional contemporânea. Na tese *Olhares sobre o Outro, Estudo das representações do Islã nos jornais Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo*<sup>1</sup> verifica-se que as representações do Islã caracterizam o muçulmano como o Outro, o Diferente, o da cultura distante e anticivilizada. A inquietação do artigo é que o uso dessas generalizações, simplificações e a ausência de contextualização sobre os fatos que trazem o objeto Islã empobrecem seu significado cultural. E, após o marco: 11 de setembro de 2001, essas características jornalísticas contribuíram para reiterar aproximações do Islã como fundamentalista. Com isso, as visões sobre o Islã acabaram sendo vinculadas à cultura inferior, ou seja, um dos Outros da história internacional recente. Para os resultados alcançados foi utilizado o método da Análise de Discurso (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2010) que será detalhado no corpo do texto.

---

<sup>1</sup> Tese na versão digital: [http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3067](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3067)

## Cobertura da História

Atualmente, o mundo muçulmano abrange cerca de 1,3 bilhão de pessoas (DEMANT, 2008, p.13), ou seja, aproximadamente um quinto da humanidade, com quem as outras religiões e culturas distintas precisam repensar modos de convivência e de cooperação para permanecerem em regiões tão próximas e, ao mesmo tempo, tão diferentes culturalmente. “Eles se encontram concentrados num vasto arco, que se estende da África ocidental até a Indonésia, passando pelo Oriente Médio e a Índia. Em muitos países desta vasta região, os muçulmanos constituem a maioria da população local e, em outros, importantes minorias” (DEMANT, 2008, p.13).

Além da presença dessa cultura no mundo a história do Islã é fator preponderante para compreender qualquer conflito atual entre Israel e Palestina, Fundamentalistas e Ocidente, em especial os Estados Unidos e seus aliados. Deve-se, partir do estudo da longa história de constituição do Islã no mundo, que se iniciou há mais de 1,4 mil anos e se espalhou por três continentes em variadas sociedades, solidificando sua religião e seus valores sociais, diferenciando-se entre si e formando outras vertentes.

Nesse sentido, o Islã está na encruzilhada de ranços históricos entre tradicionais muçulmanos, fundamentalistas reorganizados, outras ramificações que se baseiam na fé islâmica para aglutinar fiéis e agirem violentamente contra o que chamam de “Ocidente” e outros elementos simbólicos desta cultura. Entretanto, um problema de interpretação que tem gerado justificativa para guerras, como se viu na última invasão estadunidense (com apoio inglês) no Iraque, em 2003, bem como tem alicerçado discórdia entre povos e culturas se diferenciando entre si, e, nesta ótica da diferença o poder simbólico da geografia atual põe o muçulmano como o subalterno, o inferior, o arcaico, o primitivo, e muitas vezes o demoníaco.

Diante dessa conjuntura, Robert Fisk em *A grande guerra pela civilização (A conquista do Oriente Médio)* identifica antigas caracterizações do universo oriental e as formas culturais do muçulmano as quais possibilitam o leitor refletir sobre a ancoragem

desse Outro-Islã. Fisk ressalta que no livro sobre as “aventuras imperiais”, o personagem Tom Graham era o herói britânico e lutava contra as “selvagerias muçulmanas”, e a obra era romance típico para as gerações do pai de Fisk.

O resto do romance é um inquietante conto de racismo, xenofobia e explícito ódio antimuçulmano durante a Segunda Guerra Afegã. Na segunda metade do século XIX, a rivalidade e o receio anglo-russos concentraram-se no Afeganistão, cujas fronteiras não demarcadas transformaram-se em imprecisas linhas de frente entre a Rússia imperial e o Raj britânico na Índia. As principais vítimas do “Grande jogo”, como se referiram de forma pouco sensata os diplomatas britânicos aos sucessivos conflitos no Afeganistão – na realidade, havia algo tipicamente infantil nos ciúmes entre Rússia e Grã-Bretanha –, foram evidentemente, os afegãos. Essa terra continental de desertos, altas montanhas e vales verde-escuros havia sido, durante séculos, ponto de encontro cultural – entre Oriente Médio, Ásia central e Extremo Oriente – e ao mesmo tempo campo de batalha (FISK, 2007, p.70).

Como visto no trecho, o conto antimuçulmano de Willian Johnston caracteriza o olhar agressivo ao Oriente Médio pelo império da época de 1900, na Grã-Bretanha. Ao longo do conto, o herói Graham encontra membros da etnia patan (da Peshawar), agora do Paquistão, e fala: “[...] uns seres infames (...). A maioria desses fanáticos usava esses capacetes justos que dão a seu portador uma aparência diabólica” (apud FISK, 2007, p.71).

O autor também identifica na obra outros preconceitos e rótulos ao muçulmano como “olhos cintilantes de ódio”, “indígenas enfurecidos”. Quando os soldados britânicos caíam em mãos afegãs, eles sofriam; “[...] seus corpos eram atrocemente mutilados e desonrados por esses demônios com aparência humana” (FISK, 2007, p.71).

Por mais que as representações preconceituosas advenham de um olhar ficcional, do romance, elas são reflexões da conjuntura popular de olhar esse outro Oriente e muçulmano. Fisk declara que o texto vai se tornando racista e também anti-islâmico (FISK, 2007, p.70). Os muçulmanos são “[...] ignorantes de tudo o que se relaciona a sua religião para além de suas doutrinas mais elementares” (apud FISK, 2007, p.73). O jornalista Robert Fisk ainda

adverte que os Estados Unidos é a nova versão vitoriana contra os afegãos e o mundo muçulmano, mais agora, depois de 122 anos (FISK, 2007, p.73).

Fisk pontua também que a população e os meios de Comunicação não eram tão coniventes com os imperialismos culturais de ordem militar, como são atualmente. Em 1920, o jornal londrino *The Times* já se perguntava o porquê da violência contra o povo árabe, “[...] valiosas vidas serão sacrificadas pela vã tentativa de impor à população árabe uma administração intrincada e cara, que eles jamais pediram e que não desejam?” (apud FISK, 2007, p.215).

Crítico feroz do posicionamento que o Ocidente, em especial os Estados Unidos, formula sobre o Islã e o Oriente, Edward Said<sup>2</sup> (2007, p.xvii) no livro *Covering Islam* afirma que existe um trabalho ideológico anterior, de direcionar o olhar da mídia estadunidense e mundial sobre o Islã como perigoso, o que, segundo Said, ocorre por meio da postura intelectual de estudiosos que generalizam o fundamentalismo como sendo o Islã; e vai além: pontua que esse entendimento influencia o pensar de políticos e de muitos setores culturais formadores de opinião (SAID, 2007, p.xvi-xvii).

As associações criadas deliberadamente entre o Islã e o fundamentalismo garantem que o leitor comum passa a ver ambos como sendo essencialmente a mesma coisa. Devido a tendência de reduzir o Islã a algumas regras, estereótipos e generalizações à respeito da fé, e de seus fundadores, e de todo seu povo, o reforço de todo fato negativo vinculado ao Islã – sua violência, primitivismo e atavismo, qualidades ameaçadoras – é perpetuado. E tudo isso sem nenhum esforço sério de definir o termo “fundamentalismo”, ou dar um significado preciso ao “radicalismo”, ao “extremismo”, ou contextualizar esses fenômenos (por exemplo, dizer que 5%, ou 10%, ou 50%, de todos os muçulmanos são fundamentalistas) (SAID, 2007, p.xvi-xvii – Tradução nossa).

Portanto, Said se preocupa com o rótulo que cerca a ideia atual sobre o Islã, como sendo todos os seus seguidores fundamentalistas, tanto para explicá-lo ou “condená-lo indiscriminadamente”, o que acaba se tornando “[...] uma forma de ataque, que por sua vez, provoca mais hostilidade entre aqueles que se

<sup>2</sup> Na última introdução revisitada pelo autor em 1997.

autodenominam muçulmanos e porta-vozes do Ocidente” (SAID, 2007, p.xv-xvi). “[...] *up becoming a form of attack, which in turn provokes more hostility between self-appointed Muslim and Western spokespersons*”. Esse tipo de simplificação, e ao mesmo tempo, generalização é para Said inaceitável e irresponsável. O pesquisador expõe que comumente vêm-se jornalistas, ao descreverem o Islã, optarem pelas declarações “extravagantes”, regadas de oportunismo e dramaticidade (SAID, 2007, p.xvi).

A mesma situação constata o pesquisador e professor da PUC do Rio Grande do Sul Jacques A. Wainberg, em *Mídia e Terror: Comunicação e violência política*. “O ataque às torres gêmeas de Nova York, em 11 de setembro de 2001 por terroristas muçulmanos, por isso mesmo, encontrou campo fértil num imaginário ocidental que estereotipou um Islã militante e agressivo” (WAINBERG, 2005, p.50).

O enraizamento da ideia de Islã como fundamentalista penetrou no imaginário da sociedade. Para Said, o “[...] Islã não é nada além de um problema para a maioria dos americanos” (apud SAID, 2007, p.xv). “*To most Americans, Islam was nothing but trouble*”. Em sua pesquisa de análise contextual da mídia americana, e da literatura estrangeira e nacional – Estados Unidos – Said detalha a “aura de perigo” que significa remeter qualquer assunto próximo às questões islâmicas. No texto do *New York Times* de 21 de janeiro de 1996, no título, afirmou-se: “A ameaça vermelha acabou, mas eis o Islã” (apud SAID, 2007, p.xix). “*The Red Menace is Gone. But Here’s Islam*”.

A retórica dessa descrição de 1996 foi identificada, modestamente, por Said, em 1992, como sendo proveniente da fala de um antigo membro do Conselho de Segurança Nacional, Peter Rodman, que escreveu na *Nacional Review*: “Até o momento, o Ocidente se encontra desafiado por uma força externa militante e ativista guiada pelo ódio a todo pensamento político ocidental, repetindo antigas queixas contra a cristandade” (apud SAID, 2007, p.xvii). “*Yet now the West finds itself challenged from the outside by a militant, atavistic force driven by hatred of all Western political thought, harking back to age-old grievances against Christendom*”. As generali-

zações de “todo pensamento político ocidental” e as vagas provas de “antigas queixas contra a cristandade” empobrecem a tentativa de argumentação de Rodman, bem como há um vazio de clareza e de objetividade. No trecho seguinte que Said também transcreve: “A maior parte do mundo islâmico está despedaçada por divisões sociais, frustrada por sua inferioridade material em relação ao Ocidente, amargurada por influências culturais ocidentais [...]” (apud SAID, 2007, p.xvii). “*Much of the Islamic world is rent by social divisions, frustrated by its material inferiority to the West, bitter at Western cultural influences [...]*”. Percebe-se mais claramente a postura de Rodman de inferiorizar o “mundo islâmico”, sem dizer qual é esse mundo, e nem trazer provas que justifiquem a sugerida marginalização. O “Ocidente”, que segundo a descrição, vai além de um espaço geográfico, e se aproxima da ideia de divisão em relação ao Oriente, e à cultura oriental. Essa conceituação indireta do Ocidente conecta-o com um modelo de riqueza econômica e de superioridade por tal estrutura social.

Na mesma disposição em generalizar e simplificar pseudo-conceitos, em solo brasileiro, a revista semanal *Veja* tem gerado inspiração como objeto de estudo de representativas entidades e pesquisadores, para investigar desde assuntos comportamentais e políticos a culturais e religiosos.

A pesquisadora Ana Virginia Borges Queiroz, no texto *Ocidentalização da Informação*, que é parte do estudo mais extenso do grupo das Faculdades Jorge Amado, sob o título: *Hereges, Sotânicos e Terroristas: o mundo islâmico retratado pela mídia ocidental* analisou a revista no período de 12 de setembro de 2001 a 2005, e identificou o mesmo ponto de vista de Said em *Covering Islam*, da influencia da mídia e das pessoas influentes dos Estados Unidos em caracterizar o Islã como perigoso. Na análise, a pesquisadora verifica o tom preconceituoso e pejorativo sobre as comunidades islâmicas, em trecho da revista de 17 de outubro de 2001: “Nesse universo de turbantes, instalou-se uma síndrome depressiva, provocada pelo atrito entre um passado de glórias e um presente de fracassos” (apud QUEIROZ, 2005, p.03). Em outro fragmento de texto da edição de 14 de outubro de 2001: “A Arábia Saudita é

mais um dos aliados fundamentais na campanha dos loucos de Alá que querem incendiar o mundo numa fogueira integrista” (apud QUEIROZ, 2005, p.04). Segundo a análise, a abordagem é simplista e ocidentalizada, além de conter elementos qualitativos que incitam diferença e choque entre Ocidente e Oriente. Para Edward Said, essa visão pejorativa da mídia, segundo seu livro *Orientalismo* (2003), é cunhada como uma típica maneira ocidental de entender o Outro, no caso o Oriente, portanto intitulada orientalismo.

Em resumo, os termos que a pesquisadora identificou na revista *Veja*, que se referiam aos muçulmanos foram: “barbudos”, “fanáticos islâmicos ensandecidos”, “sociedades dos turbantes”, “universo de turbantes”, “loucos de Alá” e “fanático muçulmano”; para se referir aos terroristas foram utilizadas as seguintes expressões: “barbudinhos de movimentos extremistas”, “fanáticos do Islã”, “soldados numa guerra santa contra o Ocidente” e “fanáticos muçulmanos” (apud QUEIROZ, 2005, p.04). Contudo, além das generalizações e discriminação claras na revista, há outro fator em comum com as teses de Said, a questão do Jornalismo de *Veja* de misturar Islã a fundamentalismo e outras correntes fundamentalistas.

### **Corpus e método**

Foram analisadas 62 edições dos jornais impressos, sendo 31 da *Folha de S.Paulo* e 31 do *Estado de S.Paulo*. O marco (da data) foi definido a partir da lembrança de 11 de setembro de 2001, em razão da realização de dez anos do atentado às Torres Gêmeas, ao Pentágono e à Casa Branca dos Estados Unidos pelos fundamentalistas islâmicos. Foram 30 dias contando 15 dias anteriores ao episódio de 11 de Setembro e 15 dias posteriores, somando 31 dias de material diário, de ambos os jornais. A definição da data do *corpus* de análise foi demarcada pela expectativa jornalística de os cadernos desenvolverem material especial sobre os dez anos do ato terrorista, pois desta forma haveria conteúdo com perspectiva menos emocional e mais contextualização, em razão do maior tempo para reportagens especiais. A escolha dos veículos *Folha de*

*S.Paulo e Estado de S.Paulo* decorre da importância que os impressos apresentam em São Paulo e no país, bem como em razão da alta tiragem e da circulação de ambos no território brasileiro.

Depois de realizada a análise descritiva, aplicou-se a análise aprofundada com base nos conceitos de Análise de Discurso. A AD, na perspectiva francesa, ao se apoiar em métodos e conceitos da linguística considera imprescindível analisar: “O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso” (MAIN-GUENEAU apud BRANDÃO, 2004, p.17). Portanto a linguagem é entendida como fenômeno em que se sistematiza interna e externamente, no campo interno como formação linguística e no espaço externo como formação socioideológica.

Utilizou-se para a análise: I – Esquecimentos, II – Paráfrase e Polissemia, III – Relações de Força, Relações de Sentido, Antecipação: Formações Imaginárias, IV – Formação Discursiva, V – a) O dito e o não dito, V – b) Inferências/Implícitos para compor as análises aprofundadas de todo material informativo sobre o tema.

## Representações e Análises

### a) *Caderno Mundo*

Do material analisado, antecessor da data do marco 11 de setembro, a partir do dia 25 de agosto de 2011, a *Folha de S.Paulo*, no caderno *Mundo*, trouxe apenas um texto jornalístico, no perfil de depoimento/crônica desenvolvido por um repórter. Esse texto, por ainda estar incluso no mês do Ramadã, em agosto, trouxe considerações sobre o olhar do repórter sobre o outro muçulmano, identificando-o num cenário em que ele e o fotógrafo se comportaram de forma “respeitosa” ao espaço que co-dividiam no país com a cultura islâmica, mas que o mesmo olhar de respeito não foi condicionado a ele e sua equipe, de forma que o muçulmano foi caracterizado como o vilão, em contraponto a ele de “vítima”. Também receberam o estereótipo de salteadores de comidas em

quarto do hotel e de não respeitosos, além da jornalista trazer, simplificada e de forma descontextualizada, a ideia do significado do Ramadã.

No especial do evento de 11 de setembro e na data no caderno *Mundo*, houve três matérias, uma entrevista, uma reportagem e uma nota da reportagem. Na entrevista, foi ressaltado o outro Islã como apto à vingança e a polarização do entender o mundo muçulmano entre Estados Unidos e Iraque, além do reforço dessa ideia pelas fotos da entrevista. A reportagem se caracterizou pela abordagem opinativa do repórter, caricaturando o muçulmano fundamentalista como aquele que desde garoto aprende na convivência no “ninho da serpente” a ser a semente de desentendimento. Na simplificação dos contextos, também se destacou o muçulmano como o gerador dos “futuros conflitos”. E na ideia da reportagem, a nota do especial da data de 11 de setembro traz para o Brasil, o assunto para ser discutido entre grupo de adolescentes de São Paulo, no qual identifica o filho de palestino como briguento e antiamericano.

E no período pós-11 de setembro, verifica-se uma reportagem com versão e opinião e descuido no uso de expressões genéricas e preconceituosas pelo repórter. Utiliza também enquadramento segundo a fonte oficial, coloca o muçulmano como aquele que bebe bebidas alcoólicas e apresenta uma cultura exótica.

Do material secundário do período de análise, observa-se em um trecho do depoimento de Maher Arar, a crítica da fonte, que sofreu tortura pelos Estados Unidos por ser um suspeito de terrorismo. Na frase analisada, Arar cita que a mídia estadunidense faz cobertura rasa sobre o Islã, gerando preconceito e discriminação sobre o islamismo. Em outra matéria com dado positivo sobre o Islã, traz uma notícia sobre o preconceito ao muçulmano em Nova York, citando pesquisa e fontes diversificadas, num espaço regular.

Ainda no material secundário, verifica-se em uma reportagem com citação sobre o Islã, em que a religião é vista de forma neutra, com um simples aposto explicativo. E duas outras matérias, na nota sobre a polêmica do Livro de colorir infantil, que traz o muçulmano como igual à radical, extremista e aqueles terroristas

do acontecimento de 11 de setembro de 2001. Na reportagem sobre um estudo do psíquico e a violência na mente da sociedade após o episódio de 11 de setembro de 2001 enfatiza o muçulmano, num trecho, como igual a Al-Qaeda, o grupo terrorista.

**b) Caderno Internacional**

Do material analisado antecessor à data de 11 de setembro, a partir do dia 25 de agosto de 2011, o *Estado de S.Paulo*, no caderno *Internacional* trouxe uma notícia curta que teve descomprometimento em explicar termos-chave do Islã, como o sentido de Ramadã, colocando o muçulmano como aquele que não cumpre seu trabalho integral de forma correta em razão do tempo que a religião o compromete. Na nota, expressões generalizadas demarcam a não aceitação do muçulmano em Salt, na Espanha.

O Especial do marco de 11 de setembro identificou o muçulmano no texto introdutório como fundamentalista e encenqueiro. A reportagem do especial caracterizou o Islã como vítima, desenvolvendo no texto um alerta do crescimento do preconceito sobre o islamismo nos Estados Unidos.

No período pós-11 de setembro, verifica-se na notícia que o muçulmano foi equiparado como estrangeiro invasor, além de ressaltar que a cultura islâmica é “chocante” para o laicismo francês.

Do material secundário do período de análise, observam-se quatro textos que desenvolveram um discurso favorável ao Islã. Na primeira reportagem, dividiram-se os significados de terrorista e extremista de muçulmano, além de dar espaço para a descrição sobre o preconceito que os muçulmanos têm enfrentado nos Estados Unidos. Na entrevista identificou-se espaço importante ao líder espiritual da revolta líbia, que é muçulmano. Na outra notícia também se separou a ideia de muçulmano de radical islâmico, bem como foi o que ocorreu na última notícia da visão positiva do entender o Islã. Na visão mais neutra sobre o islamismo, houve uma notícia que abriu o aposto explicativo sobre o Ramadã, não influenciando o significado da religião. E sobre o material negativo a respeito do muçulmano se destacaram três textos jornalísticos. A primeira nota que julga pejorativamente o Islã; na segunda, ao não aprofundar mais sobre a religião, caracteriza os meninos

muçulmanos como sendo preparados para a guerra, guerreiros do Islã; e, no último texto, a reportagem coloca o muçulmano como tendo o mesmo conceito de fundamentalista.

### Considerações e Estado da Arte

No decorrer do breve inventário histórico da cobertura sobre o Islamismo, observou-se o processo de dominar a diferença com o intuito de homogeneizar o discurso sobre o Islã. Para tanto, quando se caracteriza o muçulmano como fundamentalista se equipara diferenças do Islã. E a quem isso interessa? A quem favorece esse discurso? Esse Outro não apresenta controle discursivo algum sobre sua representação no Jornalismo Internacional estudado e sua diferença é ressaltada como o velho exotismo conceituado pela antropologia cultural e reestudado pelos autores do pós-colonialismo cultural. A questão é esse “exótico” ser reconfigurado na lógica político-social contemporânea como marginal pelo discurso jornalístico apresentado, e as características culturais-religiosas desse Islã são problematizadas como fundamentalistas ou terroristas dentro do cenário liberal que os valores sociais modernos do Ocidente sobrepõem ao modo de viver do Outro-Islã; identificando o muçulmano como fundamentalista, extremista, radical ou mesmo terrorista.

Dessa forma, a alteridade do Islã é relegada ao estereótipo. “A construção da alteridade e do mesmo se move ao compasso das conjunturas históricas. As mudanças de representações hegemônicas correspondem a novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras” (ARRUDA, 2002, p.41). Diante disso, o Jornalismo assim como seus pressupostos empresariais e políticos se-meiam construções de discurso que ferem a alteridade, e impedem o fazer jornalístico, de desenvolver (de constituir) a representação do muçulmano como um Outro mais conectado com seus valores complexos, pois os olhos do repertório jornalístico se alicerçam na hegemonia social atual. Essas forças hegemônicas impõem ao Jornalismo estudado a não movimentar a representação do muçulmano em sua alteridade histórica, pois os critérios de noticiabili-

dade e o fazer jornalístico estão ancorados nos aparelhos de poder das forças sobressalentes sobre o discurso ocidental acerca do Islã.

“A definição e a escolha daquilo que é noticiável – em relação àquilo que, pelo contrário, não o é – são sempre orientadas pragmaticamente, isto é, em primeiro lugar, para a «factibilidade» de produto informativo a realizar em tempos e com recursos limitados” (WOLF, 1992, p.191). Logo, a ideia de procurar valores notícia pressiona para que o fato jornalístico se insira na lógica do fazer jornalístico, o que conseqüentemente interfere na simplificação e no não aprofundamento do tema ou fato.

Outra ideia importante observada foi entender a existência de pensamentos, com base na discursividade do material jornalístico, imersos no entendimento unilateral de construção das representações humanas alicerçadas em significados morais. “[...] ‘para a organização de uma imagem de natureza pedagógica e tirânica’, em que ‘as informações oferecidas ao leitor constroem uma percepção unívoca do universo através de um significado moral construído em meio à descrição” (ARRUDA, 1998, p.25). No Jornalismo, o significado moral presente na versão discursiva alimenta um olhar turvo e, ao mesmo tempo, centrado nas forças hegemônicas de constituição da realidade, em especial as representações do muçulmano nos veículos analisados.

Do material jornalístico analisado do *Estado de S.Paulo* e da *Folha de S.Paulo*, observa-se a partir da descrição realizada pelos jornalistas nos locais dos fatos ocorridos, o uso de terminologias e discursos embasados nessa visão unívoca sobre o Outro-Muçulmano. No caderno *Internacional* do *Estado de S.Paulo*, apresentou-se menos descrições opinativas com o entendimento unilateral sobre o Islã, incluindo mais fontes de pesquisa, de instituições, organizações e entidades ligadas ao árabe, ou especificamente ao muçulmano, ou aos direitos humanos de forma geral, além da presença de pesquisas independentes como fontes principais de extensas reportagens. Em contrapartida, no caderno *Mundo* da *Folha de S.Paulo*, visualizou-se mais fontes oficiais governamentais seja do poder militar estadunidense ou outros como representantes de governos da França e Estados Unidos, que trouxeram com suas falas além do simbólico

conjuntural, expressões problemáticas sobre o islamismo, que significam no universo ideológico extraenunciado dos textos.

A posição dos repórteres dos dois jornais nos Estados Unidos, isto é, do lugar que enunciam, colaborou com o uso frequente de termos oficiais, não sobrando espaço para a problematização do conteúdo, questionando e interrogando sobre o assunto, com exceção de duas matérias do Estadão e uma da *Folha de S. Paulo*. Ainda sobre os casos de textos preocupados com o significado do Islã na história o caderno *Internacional do Estado de S. Paulo*, trouxe reportagens sobre o preconceito que o muçulmano tem enfrentado em Nova York e nos Estados Unidos de forma geral, além de contextualizar os conceitos diferentes sobre o que é muçulmano, fundamentalista e terrorista.

Outra questão encontrada é a resposta de recuperação conflituosa e moralista advinda dos momentos de crise humanística, que acaba caracterizando o Outro no seu estado pejorativo, ou seja, desdobra-se uma simbologia construída culturalmente que confronta com os fatores que estão em cheque na dinâmica do “conflito”. Por exemplo, no contexto dos dez anos do episódio de 11 de setembro de 2001, identificou-se na mídia o resgate de elementos sub-humanos para caracterizar o muçulmano como aquele que está educando suas gerações na linha fundamentalista radical, identificada no texto de Igor Gielow do caderno *Mundo*, como o “ninho da serpente”. Além de também recordar construções imaginadas de um Islã arcaico e problemático. Terminologias similares ao Outro-Islã no século 19 que o caracterizava como fanáticos, de “aparência diabólica”, “indígenas enfurecidos” e “demônios com aparência humana” retratados por Robert Fisk (2007, p.71). Na mesma reflexão o jornal da *Folha de S. Paulo* trouxe na cobertura internacional dos confrontos na Líbia o repórter Samy Adghrini em situação conflituosa no dormir, descansar e se alimentar e que no seu limite recupera a ideia do muçulmano como “fiéis radicais anticivilizados” e que não merecem o respeito que o repórter e o fotógrafo tiveram de não beber água em público, em razão do mês do Ramadã. O muçulmano é o subalterno na cultura, na “civilidade” e no hábito de viver.

Na visão ainda das fontes de pesquisa e das fontes de *expert*, os jornais preferiram incluir opiniões nas seções de comentários e artigos, desta forma a maioria do conteúdo analisado ficou empobrecido diante da ausência de fontes de especialistas de várias áreas, questão que comprometeu a contextualização e favoreceu a simplificação sobre o Islamismo.

Contudo, alimenta-se o desejo de mais que um Jornalismo Internacional tolerante, um Jornalismo Internacional que respeita a alteridade, nas suas diferenças e contradições, pois só assim se compreende por que outras pessoas são verdadeiramente diferentes. “Há história e tradições. Esta é outra das formas em que o jornalismo serve ao intercâmbio de informação entre as nações” (LOS MONTEROS, 1998, p.423).

Finalizando como argumenta Arruda (2002, p.22) os “[...] traços históricos da ancoragem que resultam na construção das representações hegemônicas na sociedade” são pela mídia, e pelo Jornalismo Internacional, reportados e configura ao Outro, no estudo o Islã, como desistoricizado, como um não sujeito da sua própria história (BHABHA, 1998, p.273). Pois a negação da alteridade age no Jornalismo Internacional como um poder invisível, como visto na breve história do Islã e nas análises. A presença da desumanização em relação a qualquer Outro fere a lógica jornalística do servir à história factual, além de construir ao amanhã uma realidade controversa e saturada de polarizações e conflitos, sejam religiosos ou de ordem de simples comportamentos. O Jornalismo diante do respeito ao Outro nas suas diferenças é um resgate imprescindível a um ambiente social mais equitativo e tolerante à esfera pública. Nesse sentido a alteridade no Jornalismo propõe também vislumbrar que há questões complexas sobre o Islã que estão num espaço fora (extra) da área de atuação jornalística noticiosa e, portanto que deve ser privada de qualquer intromissão simplista que deteriore sua historicidade. Há funções de informar que é papel do historiador e de outros pesquisadores, e seus comentários têm sido pincelados nas notícias ou reportagens, com cores que não combinam com a rapidez da leitura de um noticiário. Logo, repensar até mesmo os gêneros jornalísticos para assuntos

de ordem complexa é um bom começo para o Jornalismo Internacional servir ao leitor conteúdo com respeito e integridade ao Outro Islã, e aos Outros de forma geral.

## Referências

ADGHRINI, Samy. Ao saber que somos brasileiros, rebeldes nos acusou de pró-Gaddafi. **Folha de S.Paulo**, p. A-14, 25 de agosto de 2011.

AGÊNCIAS AP, DPA e Reuters. França proíbe muçulmanos de rezar em público. **Estado de S.Paulo**, p. A-17, 17 de setembro de 2011.

ARRUDA, Ângela (org.). **Representando a alteridade**. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BERCITO, Diogo. Especial Memórias do 11/9. No Brasil, estudantes misturam desinformação com tolerância. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, p. E-06, 11 de setembro de 2011.

BERCITO, Diogo; GIELOW, Igor. Especial Memórias do 11/9. Morte e sobrevivência. Pós-11/9 coloca em lados opostos a última resgatada com vida do WTC e o iraquiano que perdeu 5 filhos em Bagdá. **Folha de S.Paulo**, p. E-07, 11 de setembro de 2011.

BINYAN, Liu. Enxerto de civilizações. Nenhuma cultura é uma ilha. **Foreign Affairs**. Princeton-Nova Jersey, n.4, v. 72. p.152-4, set.-out. 1993.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2004.

CHACRA, Gustavo. Islamofobia, o efeito colateral dos ataques. **Estado de S.Paulo**, p.E-10, 04 de setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Maioria dos islâmicos nos EUA rejeita a Al-Qaeda. **Estado de S.Paulo**, p. A-17, 01 de setembro de 2011.

CHARAUDEAU, Patrick ;MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHOMSKY, Noam; HERMAN. S. Edward. **A manipulação do público**.

Política e poder econômico no uso da mídia. Tradução Bazán tecnologia e lingüística. São Paulo: Futura, 2003. 12-94 p.

CHOMSKY, Noam. **Poder e terrorismo**: Noam Chomsky, entrevistas e conferências pós-11 de setembro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **11 de setembro**. Tradução: Luiz Antonio Aguiar. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Fundamentalismo Islâmico. A escorregada rumo ao extremismo muçulmano. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004. p.16-31

FISK, Robert. **A grande guerra pela civilização**: a conquista do Oriente Médio. Tradução Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GIELOW, Igor. Especial Memórias do 11/9. Uma história, várias lições. Em salas de aula de quatro países Folha vê que aprendizado sobre o 11/9 traz sementes para conflitos futuros. **Folha de S.Paulo**, p. E-06, 11 de setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Vida noturna restrita sobrevive às guerras. **Folha de S.Paulo**, p. A-15, 13 de setembro de 2011.

LOS MONTEROS, Guillermo García Espinosa de. Foro internacional: México, D.F.: El Colegio de México, **Centro de Estudios Internacionales**: v. 38, n. 2-3 (152-153) (abr.-sept. 1998), p. 415-426. Disponível em: [http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18\\_1/apache\\_media/2ABM9V9CHVIEUG92B8Q869C5KJ7X4I.pdf](http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/2ABM9V9CHVIEUG92B8Q869C5KJ7X4I.pdf). Acesso em: 20 dez. 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos-chave da análise do discurso**. Lisboa: Gradiva, 1997.

MONTENEGRO, Silvia. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, Mana, v. 8, n.1, abril de 2002.

MONTERO, Paula. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, USP, n.49, p.47-62, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. 9 ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

QUEIROZ, Ana Virgínia Borges. A ocidentalização da informação. Anais do XXVIII Congresso INTERCOM realizado na UERJ, 2005. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/76308660473919431902629330546454002457.pdf>. Acesso em: 08 jan.2012. 12h50.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Covering Islam**. How the media and the experts determine how we see the rest of the world. London: Vintage Books, 2007.

TEXTO introdutório da capa do especial “11.09.2001 A marca do terror no início do século”. **Estado de S.Paulo**, p. E-01, 04 de setembro de 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005. Coleção Comunicação.

\_\_\_\_\_. Terrorismo, fundamentalismo islâmico e o imaginário social brasileiro: a difusão das ideias e seus efeitos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, INTERCOM, v.31, n.02, p.165-185, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **A pena, a tinta e o sangue: a guerra das idéias e o Islã**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007.

### Ingrid Gomes

Doutora e mestre na área de Processos Comunicacionais, em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), pós-graduada em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e é formada em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Trabalhou como editora na LatinMed - Editora Médica - em Piracicaba e São Paulo, onde desenvolveu programas e projetos de qualidade de vida e mídias preventivas na área da saúde, para empresas, entidades clínicas e hospitalares. Foi diretora de pesquisa e documentação da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político (Politicom) em 2009/2010.

Recebido: 05.09.2013

Aceito: 17.12.2013